

O Tuiuti



2013 / Nº 90

Civismo

Simões Lopes Neto e a
Educação Cívica Brasileira





O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Imagem de Simões Lopes Neto sobre a bandeira nacional brasileira.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

O Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto e a Educação Cívica

Cel Cláudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista
Presidente da FAHIMTB e AHIMTB/Resende

Em 1904, o Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto, hoje patrono de Cadeira Especial na Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) que fundamos e presidimos, proferiu na Biblioteca Pública de Pelotas sua primeira conferência sobre Educação Cívica, a qual repetiu (ampliada) em 1906, neste mesmo local e nas guarnições militares de Bagé, S. Gabriel, S. Maria, Rio Grande e P. Alegre.



A conferência de João Simões Lopes Neto em 1906, com 20 páginas impressas, possui os seguintes dados na capa, que reproduzimos na grafia da época:

“João Simões Lopes Neto. EDUCAÇÃO CÍVICA. Conferência realizada na Biblioteca Pública de Pelotas e repetida a convite, em outras cidades. Publicada sob o patrocínio das Sociedades União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé e Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, para distribuição gratuita. Pelotas, 1906.”

Simões Lopes Neto ofereceu e dedicou assim a sua conferência em plaqueta:

“O Autor em respeitoso testemunho de muita gratidão e sympathia offerece: À Bibliotheca Pelotense e União Gaúcha de Pelotas. Ao Centro Gaúcho de Bagé e snrs Pedro Cunha, e A. Caminha e Humberto Areas. À União Caixeral, de São Gabriel e Snrs Dr Fernando Abbot, Ildefonso Vasconcellos e Francisco Farias. Ao Club Caixeral de Santa Maria e Snrs Dr Andrade Neves Netto e Henrique Ribeiro. Ao Grêmio Gaúcho e Club Caixeiral de Porto Alegre e ao Exmo Snr Dr Borges de Medeiros, digno presidente do Estado, e snrs Francelino E. Cordeiro e Ovídio Silveira Martins. Ao Clube Caixeiral de Rio Grande, e Snr. A. Cintra Jor, Rodolfo Emil e Vaz Dias Jor e a Imprensa das referidas Cidades”.

As expressões Jor e Snrs seriam na época abreviaturas de Júnior e Senhores.

Ao iniciar sua conferência procurou mostrar o quanto conhecia o Rio Grande do Sul, nos seus 40 anos:

“Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso zig zag. Já senti as ardências da areias desoladas do litoral. Já me recreei nas encantadas ilhas da Lagoa Mirim. Já me fatiguei na extensão da Coxilha Geral de Santana. Já molhei as mãos na águas do soberbo Uruguai. Estremeci de medo nas ásperas penedias do Caverá. Já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí e palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla. (em Bagé). Já pousei em São Gabriel, a forja rebrilhante onde tantas espadas valorosas se temperaram e ainda, a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberdade e da hospitalidade do Estado. Eu vi a colmeia e o curral. Vi o pomar e o rebanho. Vi a seara e as manufaturas. Vi a serra, os rios, a campina e as cidades. E das auroras de pássaros e rosto de crianças, dos sulcos dos arados, das águas e de tudo, esses pobres olhos meus condenados a morte e ao desaparecimento, guardarão na retina, até o último milésimo de luz, a lembrança da visão sublimada e consoladora. E o meu coração, quanto faltar a seu ritmo, arfará num último esto, para a raça que esta se

formando, aquilate (julgue), ame e glorifique os lugares e os homens. Fui arrastado no turbilhão das máquinas possantes (locomotivas). Corri pelas paragens magníficas de Tupanciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer campos onde repousou a mãe de Deus. Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranqüila na encosta da serra. E emergindo do verde negro da montanha copada, o casario branco, como um fantástico algodão em explosão de casulos. Subi aos extremos de Passo Fundo e deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha e retrovim pela merencória Soledade, flor do deserto, alma risonha nos ecos do mundo e cortei por um formigueiro humano na zona colonial. Desta digressão (viagem) longa e demorada feita em etapas, em datas diferentes, meus olhos



trazem de nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz”.

Ao lamentar não existir ainda nenhum monumento no Rio Grande do Sul estranhou o fato e escreveu assim:

“Rio Grande do Sul, onde a cada passo em teu chão se acorda um eco, onde cada barranca de teus rios conhecem uma história, onde cada coxilha testemunhou um feito histórico e onde os muros de cada cidade abrigam um acontecimento” e prossegue:

“...E por todo este Rio Grande nenhum marco de lembrança, nem um padrão votivo, nenhum granito cívico ensina aos contemporâneos que passam descuidados -aqui triunfou Rafael Pinto Bandeira, aqui jaz o Marechal José de Abreu, o anjo da Vitória, aqui se planejou uma Constituição (Alegrete), aqui nasceu Tamandaré. Sim, que na velha cidade do Rio Grande, o núcleo de nossa formação urbana onde troaram os canhões do Brigadeiro Silva Pais que ali houvesse um simples bloco de pedra a recordar seus feitos. E em Jaguarão, a primeira a declarar a forma republicana em 35 e Piratini, a arca do governo farroupilha. Bagé, a barreira contra a conquista espanhola. São Borja, a sentinela destroçada e indomada da invasão paraguaia. São Luiz Gonzaga dos famosos templos do Império jesuítico. Rio Pardo,

a muralha contra os choques do estrangeiro. A vetusta Viamão teto dos primeiros casais portugueses. E Seival, a ilha do Fanfa, Ponche Verde e rio Camaquã...”

Aliás, frase histórica em negrito, com a qual iniciamos os encontros do Instituto de História e Tradições do RGS, que fundamos em Pelotas em 10 Set 1986, em concorrida sessão na Escola Técnica Federal de Pelotas, por nós presidida e coordenada pelo Major Ângelo Pires Moreira e apoio da 8a Brigada de Infantaria Motorizada, comandada pelo Gen Bda Sadi Lisboa Filho e pelo Diário Popular, através do Dr Ciayr Lobo Rochefort.

Recordo que como aluno do Colégio Gonzaga, 1945/48, a Biblioteca Pública de Pelotas, no 2o andar, era usada para conferências concorridas. Lembro que era um salão enorme em que os assistentes se sentavam em cadeiras encostadas na parede e entre eles e a mesa diretora um enorme vazio. Mais tarde voltei ao local, então Câmara de Vereadores, onde em 20 de setembro de 1985, sesquicentenário da Revolução Farroupilha, proferimos palestra sobre este tema, atendendo a convite do Gen Bda Egeo Corrêa de Oliveira Freitas, comandante da 8a Brigada de Infantaria Motorizada, cuja história publicaríamos em 2001, com o patrocínio do GBOEx, tendo como parceiro o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e sob o título 8a

Brigada de Infantaria Motorizada, Brigada Manoel Marques de Souza I.

No ano seguinte, em 18 de setembro de 1986, ali retornamos para recebermos homenagem do povo pelotense, por intermédio de sua Câmara de Vereadores, consistente na outorga, por Lei 2740, da honrosa Comenda João Simões Lopes Neto. Fora nesta Biblioteca Pública que em janeiro de 1951, surpreso, conhecemos notícia de nossa aprovação para ingresso na Escola de Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, ao ser informado por alguém que ali vira meu nome convocado para a EPPA.

Como mandamentos cívicos básicos J. Simões Lopes assinalou em sua primeira conferência: “O amor à Pátria sobre todas as coisas e se possuir espírito nacionalista inquebrantável, capaz de resistir a todas as tempestades”.

E que destes mandamentos decorriam todas as leis e a ação educacional. Enfatizava: “Que o amor à Pátria se desenvolvia e se fortalecia com o conhecimento de seu passado e presente e com fé em seu futuro”.

E completava: “Nenhum povo pode ser grande sem o sentimento de amor a sua pátria. Nenhuma nação pode ser forte sem se apoiar no amor a ela de seus filhos. Por isso amar a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o maior estímulo dos cidadãos”.

Assim J. Simões Lopes foi o pioneiro de ensino de Educação Cívica no Rio Grande do Sul e possivelmente no Brasil, antes que por ali passasse, 10 anos depois, Olavo Bilac, que visitou o seu túmulo e sobre ele colocou uma flor, numa reverência muda ao seu pioneirismo em defesa do ensino de Educação Cívica.

Simões Lopes revelava grande preocupação pelas causas que ameaçavam a Unidade Nacional assegurada no passado pela Religião Católica, pela Língua Portuguesa e pelo Trono. E a Guerra Civil de



1893-95, que teve seu fim físico, mas não o espiritual com a paz celebrada em Pelotas e que dividira a família da Região Sul do Brasil, o preocupava muito. Revolução que passou a História como revolução Maldita, de Bárbaros e da Degola e foi procurado esquecê-la por 100 anos até cicatrizar suas feridas, mas neste ínterim era evocada nos lenços brancos dos governistas e no vermelho dos federalistas, ao invés

dos lenços farroupilhas mandados fazer fora do Brasil por Bernardo Pires, o simbolista farrapo e bisavô do Major Ângelo, conforme abordamos e o biografamos no livro 'Autoria dos símbolos farrapos, subsídios para a sua revisão histórica, tradicionalista e legal' (Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1971).

Lenços vermelhos usados equivocadamente pelos personagens da mini-série 'A casa das sete mulheres' e por muitos tradicionalistas sem saber o real significado político trágico dos mesmos. Em realidade lenços brancos e vermelhos manchados de sangue numa maldita e impiedosa luta fratricida, de republicanos em Rio Negro, então em Bagé e depois de federalistas em Boi Preto, em Palmeira das Missões. Que glória isto encerra.

Diríamos que do estudo da História do Brasil faz nascer e se consolidar no cidadão a consciência da identidade e da perspectiva histórica nacionais. Do contrário ele se torna uma nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e nem para onde é que está indo senão remorso e vergonha pela degola de irmãos inermes!

De minha parte, o meu lenço de pescoço é a primeira bandeira farrapa idealizada por Bernardo Pires, com as pontas uma verde e outra amarela e em volta do pescoço o vermelho da

República Rio Grandense. Mas cada um que fique com o que gosta, sem remorso e vergonha.

Revolução que degolou as tradições farrapas de Firmeza e Doçura representada por dois amores perfeitos nos ângulos do losango do brasão farrapo, segundo simbologia maçônica.

Simões Lopes Neto divulgava estes conceitos, entre outros:

“O homem morre, as gerações se sucedem, mas a Pátria fica, sobrevive e segue adiante, e mais e sempre, ancorada na saudade dos que a construíram e já tombaram e nas esperanças dos que nascem. Nenhum povo pode ser grande sem esse sentimento. Nenhuma nação pode ser forte sem nele apoiar-se. E o amor a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o mais forte estímulo aos cidadãos”.

E sobre o ensino de História do Brasil: ‘Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua conseqüência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias...’

E mais adiante: “Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil e dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade”.

E mais adiante, a respeito da necessidade da Educação Cívica aos eiros defendia:



“É preciso promover em favor da Educação Cívica uma das mais necessárias reformas, qual seja a introdução do livro de leitura primária. Cumpre que ele seja brasileiro pelo assunto, pelos pontos que reproduz pela história, pela tradição e pelo sentimento nacional que anime o aluno e o faça amar a sua pátria”.

Acredito que o livro chamado Seleta, que existiu no meu Colégio N. S. Aparecida em Canguçu antes de eu lá ingressar em 1938 tenha atendido esta reforma preconizada por J. Simões Lopes Neto.

E a J. Simões Lopes Neto devo o conhecimento da História de Canguçu, meu berço natal, através de sua Revista do Centenário de Pelotas nº 4, 1912, que produziu a convite de nosso avô, Cel GN Genes Gentil Bento, então intendente de Canguçu, no contexto dos festejos do centenário de Canguçu como freguesia e guardada zelosamente por 45 anos por nosso pai, o que nos

permitiu uma base de partida para ampliar esta história comunitária na nossa obra Canguçu, reencontro com a História (Porto Alegre: IEL, 1983), prefaciada por Barbosa Lessa. Este, é outro ícone como Simões Lopes Neto, do tradicionalismo e da literatura gauchesca, bisneto de Carlos Norberto Moreira, o nosso avô, e do Major Ângelo Pires Moreira. E foi ele quem orientou J. Simões Lopes Neto nesta pesquisa, conforme mencionou na citada revista.

Creio que J. Simões Lopes Neto foi o filósofo da Educação Cívica que provocou o culto do nativismo gaúcho e junto com ele o Ten Cel Cezimbra Jaques no início do século no Grêmio Gaúcho, no Casarão da Várzea, atual Colégio Militar de Porto Alegre, na União Gaúcha em Pelotas e no Centro Gaúcho de Bagé. Creio ainda que Barbosa Lessa provocou o renascimento deste sentimento nativista gaúcho, que passou a ser tratado de tradicionalismo gaúcho, e do qual foi seu filósofo e, diríamos, seu codificador, com sua tese, apresentada e aprovada no 10 Congresso Tradicionalista Gaúcho em 1954, intitulada O sentido e o valor do tradicionalismo, conforme análise do historiador, tradicionalista e animador cultural canguçuense Caio Moreira Pinheiro em O Gaúcho nº 9, em 2002, de homenagem a Barbosa Lessa, em que prestamos nosso depoimento sobre ele na

homenagem que lhe foi prestada pelo Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS).



Gen Adhemar, Cmt Militar do Sudeste, 1º Presidente de Honra da AHIMTB/SP - Academia General Bertoldo Klinger, e o Cel Bento, Presidente da FAHIMTB, na solenidade da instalação da AHIMTB/São Paulo (Sorocaba) em 28 de maio de 2013

Sobre o Autor: O Cel Cláudio Moreira Bento é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), presidente Emérito fundador das Academias Resendense (ARDHIS) e Itatiaense (ACIDHIS) de História, acadêmico fundador da Academia Barra-mansense de História (ABH), correspondente do Instituto de Estudos Vale paraibanos (IEV), em Itatiaia, sócio dos institutos Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS).



Prisioneiros de Guerra em Campo de Concentração Potiguar

Contribuição do Sr. Manoel Procópio de Moura Júnior,
através do Membro-efetivo Cel Edmir Mármora Júnior

Quando se fala em campo de concentração, de imediato nos reportamos aos campos de concentração nazistas, onde perderam a vida milhares¹ de judeus durante a última conflagração mundial.

Muitos desses campos de confinamento de prisioneiros² ficaram famosos, como o de Auschwitz, cuja única saída era em forma de fumaça pela chaminé dos fornos crematórios. No entanto, para surpresa de uma grande maioria de brasileiros, existiram também aqui em nosso país, inclusive no Rio Grande do Norte, campos de concentração. O Jornalista Roberto Guedes, em uma crônica publicada no jornal Dois Pontos de 11.10.1999, e o historiador Tomislav R. Femenick, em um texto publicado no Jornal de Hoje, de 15.05.2006, também comentam a existência desse campo.

Em vários Estados do Brasil existiram campos de oncentração para prisioneiros de guerra. O livro O Canto do Vento - A história dos prisioneiros alemães nos campos de oncentração brasileiros, do Jornalista Camões Filho, registra sua existência no Estado de São Paulo, nas cidades de Ribeirão Preto, Pirassununga, Pindamonhangaba e o maior deles em Guaratinguetá. Nele, 244 alemães do navio Windhuk, ficaram presos. Na oportunidade, o autor localiza o campo de Pindamonhangaba onde hoje se encontra a Estação Experimental e Zootecnia, e o de Guaratinguetá, onde funciona a Escola de sargentos da Aeronáutica.

A cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, também teve o seu campo de concentração, como narram as historiadoras Marlene de Fáver e Priscila F. Perazzo, autoras de livros que tratam sobre a Segunda Guerra Mundial.

Na cidade de Recife, Rui Moreira Lima, Piloto Veterano do 10 GAvCa, em uma revista eletrônica intitulada "Sentando a Pua", informa que alemães foram feitos prisioneiros após o naufrágio do submarino U-199, ficando confinados em um campo de concentração.

Portanto, não é de estranhar que o Estado do Rio Grande do Norte tenha tido também o seu campo de concentração. O pesquisador Leonardo Barata, que pretende montar um museu da guerra em Natal, declara que a cidade era um grande centro de espionagem nazista. "Natal foi a Casablanca da América Latina", diz ele ao se referir ao filme de espionagem estrelado por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman.

O campo de concentração do Estado norte-rio-grandense se localizava a 25 km do Natal, na Prisão de Jundiá, onde funciona, hoje, o Colégio Agrícola. A prisão, na época, era comandada pelo tenente da Polícia Militar, José Antônio da Silva, Oficial da 1ª turma de Formação da Polícia Militar do Estado, genitor do Cirurgião Dentista e Ten-Cel da PM, José Nicodemos Couto da Silva, membro do Clube dos 100, na cidade do Natal.

Estiveram presos no campo de concentração potiguar membros de várias famílias natalenses pelo simples fato de serem estrangeiros, entre eles: croatas, alemães e italianos. Entretanto, nos informa o jornalista Luiz Alberto Weber, da equipe do Correio Brasiliense, que outros foram confinados por terem sido identificados pelos agentes do FBI, chefiados por John Edgar Hoover, e presos por policiais do antigo Departamento de Ordem Social e Investigações, sendo

condenados, em junho de 1942, por atos de espionagem e atividade nazista.

O Tenente José Antônio da Silva, natural da cidade de Pombal na Paraíba, foi um homem respeitado em toda a cidade do Natal. Entre os inúmeros cargos de delegado que exerceu, o de Comandante do campo de concentração de prisioneiros de Guerra no Estado no Rio Grande do Norte se destaca, passando a ser essa função um marco para a sua imortalidade histórica.

Concluindo, acreditamos que o campo de concentração potiguar poderia ser melhor bem definido como um campo de confinamento, já que a maior tortura sofrida pelos prisioneiros foi o cerceamento de liberdade, a alimentação inadequada e o trabalho braçal forçado.

(Fonte: MOURA JÚNIOR, Manoel Procópio. Natal de tempos em tempos. Natal: Ed. do Autor, 2012)

Notas do Editor:

1 Onde se lê "milhares", deve ser lido "milhões".

2 A historiografia do pós-guerra sobre a Alemanha nazista define, fundamentalmente, a existência de dois tipos de campos, os de concentração de prisioneiros e os de extermínio. A diferenciação é sugerida pela própria terminologia empregada: na prática, não havia (ou não deveria haver...) ações genocidas em campos regulares de concentração, apenas nos de extermínio. Auschwitz é classificado como sendo de extermínio.



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

